

Governo dos EUA busca consenso para fundo da dívida

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON - A primeira referência oficial ao novo plano americano para a dívida externa dos países do Terceiro Mundo será feita amanhã pelo próprio secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, durante um seminário patrocinado pelo Bretton Woods Committee — uma instituição privada — e sob os auspícios do Departamento de Estado, para discutir a situação econômica da América Latina. O discurso de Brady, porém, não vai revelar, a princípio, nenhum detalhe específico sobre o plano, que, de um modo geral está sendo muito bem recebido entre os diplomatas de países latino-americanos e economistas. "O plano é bom para os devedores e é importante que eles se aproveitem dele", disse o economista William Cline, do Institute for World Economics.

"No momento, ela é mais um golpe publicitário do que qualquer outra coisa, até porque não há nada completamente fechado sobre o assunto", disse uma fonte dos meios financeiros de Washington sobre o anúncio de Brady amanhã, explicando que a divisão interna provocada

no governo Bush pela discussão quanto aos objetivos e meios de se implementar o plano, impede que ele seja integralmente divulgado até o fim desta semana. Ainda assim, existe uma certa sensação de urgência na Casa Branca em finalizar o mais rápido possível suas novas propostas e, ontem, um funcionário do governo americano disse que, possivelmente, o plano final será anunciado dentro de três semanas.

América Latina — De qualquer maneira, a menção no discurso de Brady é um passo gigantesco, na opinião de um diplomata estrangeiro baseado nesta capital, em direção ao reconhecimento de que a dívida do Terceiro Mundo, e principalmente dos países latino-americanos, é um problema mais político do que econômico-financeiro. "A partir do momento em que o Brady falar sobre o plano, os americanos não terão mais como recuar", disse o diplomata, lembrando que a questão agora é descobrir o quanto o governo Bush pretende avançar com este conceito.

Este é, por sinal, o ponto principal que divide as opiniões entre os funcionários que ocupam os gabinetes do poder em Washington. Em linhas gerais, como adiantou ontem o JORNAL DO BRA-

SIL, existe uma unanimidade sobre a criação de uma "janela assistencial", via o Fundo Monetário Internacional, financiada principalmente por dinheiro japonês e europeu — com algum tipo de encargo sobrando para os Estados Unidos — que iria ao mercado secundário para resgatar títulos da dívida de países latino-americanos e repassá-las, com descontos, aos seus governos.

Justamente aí, na última parte desta proposta, as divisões no governo americano começam a surgir. De um lado, está um pequeno grupo de funcionários do Tesouro americano, apoiados pelo Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca e seu chefe, general Brent Scowcroft, e ajudados pela pressão dos japoneses e dos aliados europeus dos Estados Unidos. Fundamentalmente, eles querem que a "janela" do Fundo funcione, pura e simplesmente, como uma agência de repasse, com descontos, da dívida. Do outro lado, onde se juntam o secretário do Tesouro, seus principais assessores e o secretário de Estado, James Baker, e mais o presidente do Fed (o Banco Central americano), Alan Greenspan, existe a idéia de entregar estes papéis da dívida resgatados pelo Fundo não aos países, mas aos bancos, que então repassariam os descontos aos devedores.

	COMPRO	VENTA
DOLAR	4 100	4200
DOLAR CHEQ.	4 100	4200
LIBRA	69457	7293
MARCO AL...	2 178	2287
F. SUIZO	2548	2675
PESETA	34765	36503
FRANCES	54	57409
PESO ARGENTINO	35385	3097
YEN	35385	3291

□ O dólar, que não pára de subir no mercado argentino, foi cotado, ao meio-dia ao preço recorde de 41,40, austrais no mercado livre. Desde 6 de fevereiro, quando o governo introduziu uma série de correções no Plano Primavera, a moeda americana teve um aumento de 134,83%. O ministro da Economia, Juan Sourrouille, vem sustentando que o aumento do dólar não corresponde a uma situação real na Argentina e decorre apenas de especulação de setores que defendem o câmbio unificado. Desde 6 de fevereiro, há três tipos de câmbio no país: o comercial (para exportações agrícolas), o especial (para as indústrias) e o livre. A imprensa argentina especula se o país não está para ter seus créditos reclassificados no exterior ou que interromperá definitivamente o fluxo de recursos externos. No domingo, o presidente Raúl Alfonsín ameaçou não pagar os juros da dívida e anteontem teve um encontro reservado com o embaixador dos EUA, Theodore Gildred, que ao sair defendeu a adoção de "melhores mecanismos para a questão da dívida externa". A Argentina deve US\$ 58 bilhões e há três meses não paga os juros, devendo cerca de US\$ 2,3 bilhões.